



Aprovou!

ELITE Resolve

FUVEST - 2019

2ª FASE



FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR

FUVEST

português

www.elitecampinas.com.br

OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

Examine a tirinha.



Laerte, in: Manual do Minotauro.

a) De que maneira o terceiro quadrinho contribui para a construção do humor da tirinha?

b) A que contexto se relaciona o último enunciado da tirinha? Justifique.

Resolução

a) Para uma leitura satisfatória da tira, é importante que o candidato leve em consideração a multimodalidade, isto é, que ele leia as linguagens visual e verbal como componentes de um todo significativo. No primeiro, segundo e quarto quadrinhos, há duas personagens metonimicamente representadas por seus olhos que pairam numa imensidão negra, rompida apenas pela presença deles e a palavra “PROTOCOLO”, repetida três vezes. No segundo quadrinho, essa palavra é estampada também três vezes, ampliada – o que sugeriria aproximação, aumento do volume. O terceiro quadrinho contrasta com os demais, anteriores e o seguinte: nele se veem cavalos que galopam em meio urbano (vê-se ao fundo um prédio). Acima deles, acompanhando seu movimento, segue a palavra “PROTOCOLO”. Veja-se que a repetição não mais está segmentada pela paragrafação, repete-se como um fluxo que une as articulações da mesma palavra num ciclo que tende a esvaziar o significado e centrar-se no significante. Esse movimento de valorização do material fônico, em detrimento de seu conteúdo, leva o leitor a associar o tropel dos animais, comumente designado pela onomatopeia “pocotó”, a “protocolo”. Assim, a paronomásia impulsionada pela presença dos cavalos no terceiro quadrinho reveste com outro significado a palavra “protocolo”, deslizamento de sentido essencial ao humor da tira.

b) Frequentemente serviços de atendimentos telefônicos são realizados por computadores que interagem com os clientes, querelantes ou reclamantes, com gravações disparadas pelo acionar de teclas. Assim, a fala “se quiser que repita, teclé 2” remete a esse contexto de interações gerenciadas e mediadas por empresas de telemarketing. Para além do questionamento do enunciado, mas ainda dentro do contexto da tira, parece pertinente dizer que o “protocolo”, que pode ser entendido como “o que segue normas rígidas, formais, de etiqueta”, é pejorativamente associado à ação (irracional, indômita) dos cavalos em disparada. Ou seja, seguir (estritamente) um protocolo pode ser insensato, intempestivo.

QUESTÃO 02

Examine o anúncio e leia o texto.

I.



Ministério Público do Trabalho

II. **Art. 149** – Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:

Pena – reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.803.htm

a) Explique a relação de sentido entre os trechos (I) “Escravidão no Brasil não é analogia” e (II) “Reduzir alguém a condição análoga à de escravo”.

b) Qual a relação entre o uso da imagem sobre um fundo escuro e o texto do anúncio?

Resolução

a) Para uma análise da relação de sentido entre os dois enunciados, é produtivo que se detenha no significado de “análoga”. Pode-se dizer que, senso comum, é “análogo” aquilo que permite analogia, por ter semelhança, aparência. Veja-se, portanto, que, desse ponto de vista, ao se tratar da analogia, estamos no campo da aparência, e não da essência. Assim, os dois enunciados se confrontam porque o texto I questiona a expressão “condição análoga à de escravo”, contida no Código Civil brasileiro (Escravidão no Brasil não é analogia, é realidade). Note-se que, considerando que a Escravidão no Brasil não é mais uma instituição legal desde a Lei Áurea, o Código Civil trata de uma “condição análoga à escravidão”, caracterizando-a pela submissão de alguém “a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva” e “a condições degradantes de trabalho”, isto é, traços presentes, além de outros, no trabalho escravo historicamente inscrito. Portanto, o texto I é uma provocação que reinterpreta o sentido de “análogo”, como se esse termo suavizasse a condição do trabalhador (pareceria sem ser).

b) A imagem – mãos amarradas juntas por uma corda – reforça o enunciado “Escravidão no Brasil não é analogia, é realidade”, como se fosse uma prova de sua existência, comprovação de sua realidade. As mãos se destacam pelo fundo preto e pela posição em que aparecem, negando o caráter possivelmente eufemístico que a expressão “condição análoga à de escravo” poderia assumir.

QUESTÃO 03

Considere os textos para responder à questão.

I. *A tônica é que os pequenos jogadores da equipe de futebol Javalis Selvagens estão tranquilos e até confortáveis, bem cuidados na caverna pela numerosa equipe internacional que tenta retirá-los dali, e que têm muita vontade de voltar a comer seus pratos favoritos quando voltarem para casa.*

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530941588_246806.html.Adaptado.

II. *Bem, minha vida mudou muito nos últimos dois anos. O mundo que explorei mudou muito. Eu vi muitas paisagens diferentes durante as turnês, e é realmente inspirador ver o quão grande é o mundo. Eu quero explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas eu não gosto do deserto, sinto muito pelas plantas! Ou talvez eu goste disso...te deixa com sede de olhar para ele...*

<http://portalaurorabr.com/2018/09/16/eu-sou-feminista-porque-sou-mulher-diz-aurora-em-entrevista-ao-independent/>

III.



a) Quanto ao sentido, a palavra “bem”, destacada nos três textos, desempenha a mesma função em cada um deles? Justifique.

b) Reescreva o trecho “Eu quero explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas eu não gosto do deserto, sinto muito pelas plantas!”, empregando o discurso indireto e fazendo as adaptações necessárias. Comece o período conforme indicado na folha de respostas.

FOLHA DE RESPOSTAS

b) Ela disse que _____

Resolução

a) A palavra “bem” tem funções distintas em cada texto. No primeiro, na construção “os pequenos jogadores da equipe de futebol Javalis Selvagens estão tranquilos e até confortáveis, bem cuidados na caverna”, temos um advérbio de modo modificando o termo subsequente “cuidados”. No texto II, “bem” desempenha papel de interjeição ao exprimir uma reação espontânea do falante: “Bem, minha vida mudou muito nos últimos dois anos”. No texto III, “bem” é um substantivo que constrói o vocativo: “Sorte que quem tem que gostar sou eu, né, bem?”.

b) Na folha de respostas, o candidato encontra o seguinte início para a construção: “Ela disse que”. Trata-se de uma estrutura que vai transformar a construção original em uma oração subordinada substantiva objetiva direta estruturada a partir de um verbo *dicendi* ou de elocução. Assim, em discurso indireto (um “narrador” utilizando suas palavras para reproduzir a fala de alguém), o trecho transcrito no enunciado em discurso direto (transcrição exata da fala de alguém) “Eu quero explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas eu não gosto do deserto, sinto muito pelas plantas!” será: *Ela disse que queria explorar e experimentar diferentes partes da natureza, mas não gostava do deserto, sentia muito pelas plantas*. Cabe explicar as alterações necessárias e as quais o candidato deveria observar: a 1ª pessoa do singular (eu) tornou-se 3ª pessoa do singular (ela); o presente do indicativo (quero, gosto, sinto) tornou-se pretérito imperfeito do indicativo (queria, gostava, sentia).

QUESTÃO 04

Leia os textos.

Texto I

Devo acrescentar que Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão. “Mulheres”, então, no contexto deste livro, significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. S.l.: Elefante, 2017.

Texto II

Em todas as épocas sociais, o tempo necessário para produzir os meios de subsistência interessou necessariamente aos homens, embora de modo desigual, de acordo com o estágio de desenvolvimento da civilização.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.

a) Existe diferença de sentido no emprego da palavra “homens” em cada um dos textos? Justifique.

b) Explique o uso das aspas em “Mulheres”, no texto I.

Resolução

a) Sim. No texto I, o termo “homens” foi empregado como sinonímia de indivíduo do sexo masculino, estabelecendo contraste com o papel feminino nas relações capitalistas. Isso fica evidente logo na primeira ocorrência da palavra, que se dá no segundo período, em “...mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas...”. Já no texto II, “homens” é uma referência genérica a qualquer ser humano, que, por estar integrado à civilização e conforme sua posição social, interessa-se pelo tempo para produzir meios de subsistência.

b) As aspas geralmente são associadas à ênfase de palavras ou expressões, assinalando extensão de sentido, ou seja, o emprego do termo em um contexto pouco usual. Exemplos dessa dinâmica são a ironia e metalinguagem (a referência ao termo em si, e não a seu significado). Este último caso é o que se aplica ao uso dessa pontuação no texto I, afinal, por meio dela, recupera-se o termo “mulheres” (e não seu referente, ou seja, pessoas do sexo feminino) presente no título da obra: “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”. No excerto, explica-se que a seleção da palavra no título se dá pela proposta de discussão pela obra de uma forma particular de exploração capitalista: a das mulheres.

QUESTÃO 05

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo pessoal
Adeus

Meu caro amigo. Chico Buarque e Francis Hime, 1976.

a) Levando em conta o período histórico em que a letra da música foi composta, justifique o uso do plural no terceiro verso.

b) A letra da canção apresenta características de qual gênero discursivo? Aponte duas dessas características.

Resolução

a) A letra da música foi composta no contexto da ditadura militar no Brasil, em específico no governo Geisel (1974-1979), período histórico marcado pela censura, por parte do regime militar, de todos os meios de comunicação do país, bem como pela perseguição de artistas e produtores culturais. Enquanto jornais, revistas e emissoras de rádio e TV conviviam com os censores nas redações, cantores e compositores — entre eles o próprio Chico Buarque — tinham suas canções de protesto sistematicamente vetadas justamente por criticarem, mesmo que de maneira sutil, a máquina estatal. Nesse contexto, percebe-se que, em “Se me permitem, vou tentar lhe remeter”, o emprego da terceira pessoa do plural não configura desvio de concordância em relação à segunda pessoa do discurso, nem a conjunção “se” indica retórica polida: no texto, o eu poético não quer pedir permissão ao amigo a quem escreve, mas sinalizar a condição, à qual é submetido, de ter seu próprio texto avaliado por terceiros. Nesse sentido, cabe notar que a terceira pessoa do plural é tradicionalmente associada à indeterminação do sujeito, recurso gramatical que resulta no apagamento do agente da permissão, isto é, da figura do censor, que deveria passar despercebido.

b) A letra da canção aproxima-se do gênero carta, o que fica patente já nos primeiros versos, em que a situação comunicativa é delineada: “Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever / Mas o correio andou arisco”. A simulação da interação típica desse gênero discursivo foi caracterizada pela presença do vocativo no primeiro verso (“Meu caro amigo...”) e pela despedida no final (“Adeus”), as duas principais características da estrutura epistolar. Ademais, o enunciador é demarcado explicitamente em primeira pessoa do singular, e o interlocutor, pela terceira pessoa do singular. É interessante ainda notar caracterizações no plano discursivo: o remetente da carta procura oferecer a seu destinatário notícias suas (marcadas espacialmente em “Aqui na terra...”) e daqueles que o acompanham (Marieta e Francis), além de estabelecer contato, por intermédio do receptor da mensagem, com os familiares do amigo (“Um beijo na família, na Cecília e nas crianças”).

QUESTÃO 06

Leia o texto.

Tio Ben cravou pouco antes de falecer: “grandes poderes nunca vêm sozinhos”. E não há responsabilidade maior do que tirar a vida de alguém. Isso, no entanto, não significa que super-heróis tenham a ficha completamente limpa. Na verdade, uma olhada mais atenta nos filmes sobre os personagens confirma uma teoria não tão inocente – a grande maioria deles é homicida.

Foi pensando nisso que um usuário do Reddit, identificado como TOM95, resolveu planilhar os assassinatos que acontecem nos filmes da Marvel. Nos 20 longas, que saíram nos últimos 10 anos, foram 65 mortes – e 20 delas deixaram sangue nas mãos dos mocinhos.

Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas. Nada de figurantes ou bonecos criados em computação gráfica só para dar volume a uma tragédia. Ficaram de fora, por exemplo, as centenas que morreram durante a batalha de Wakanda, em “Vingadores: Guerra Infinita”, ou a cena de “Guardiões da Galáxia” que se consagrou como o maior massacre da história do cinema.

<https://super.abril.com.br/cultura/quantos-assassinatos-cada-heroi-e-vilao-da-marvel-cometeu-nos-cinemas>. Adaptado.

a) Qual o sentido das palavras “cravou” e “planilhar” destacadas no texto e qual o efeito que elas produzem?

b) Substitua os dois-pontos do trecho “Vale dizer que o usuário contabilizou apenas mortes relevantes à história: só entraram na planilha vítimas que tinham, pelo menos, nome antes de baterem as botas” por uma conjunção e indique qual a relação de sentido estabelecida por ela.

Resolução

a) Segundo o dicionário Houaiss, uma das acepções de “cravar” é “fazer penetrar ou penetrar com força e profundamente”. Em extensão a esse sentido, no fragmento extraído da revista, “cravar” figura a ideia de expressar uma ideia de modo impactante, intenso. O verbo mostra-se eficiente para introduzir a fala de tio Ben (não por acaso, personagem de uma história protagonizada por um super-herói da Marvel), que engatilha a análise do texto. Por sua vez, “planilhar” (que consiste em um neologismo) deriva do substantivo “planilha”, denotando a sistematização do dados dos filmes, registrados pelo usuário do Reddit.

O efeito de ambos os verbos está diretamente atrelado ao gênero discursivo e ao suporte em que foram reportados, quais sejam, respectivamente, o artigo de divulgação científica e a revista Superinteressante, na qual preponderam, assim como em outras similares, temas com objetivo de entretenimento, como curiosidades (em que parece circunscrever-se o texto da questão). Considerando que o leitor da publicação é leigo e busca mais que informar-se, divertir-se, pode-se inferir que a linguagem assume tom mais informal, a fim de aproximar-se do público, e enfático/imagético, com a finalidade de garantir a clareza do texto e, por conseguinte, sua compreensão. Ressalta-se que tal efeito é obtido por outras expressões, como “ter a ficha limpa”, “deixar sangue nas mãos” ou “bater as botas”.

b) O enunciado introduzido pelos dois-pontos **explica** qual foi o critério de relevância do usuário do Reddit ao levantar os dados sistematizados na planilha (a seleção apenas das vítimas que tinham recebido nome na trama). Por isso, esse sinal de pontuação poderia ser adequadamente substituído por qualquer conjunção ou locução conjuntiva coordenativa explicativa: *pois, porque, uma vez que, já que, na medida em que etc.*

QUESTÃO 07

Os trechos seguintes foram extraídos do texto “Casas de cômodos”, que consiste em um apanhado de impressões recolhidas pelo escritor Aluísio Azevedo. Leia-os para responder às questões.

I. Há no Rio de Janeiro, entre os que não trabalham e conseguem sem base pecuniária fazer *pecúlio* e até *enriquecer*, um tipo digno de estudo – é o “dono de casa de cômodos”; mais curioso e mais completo no gênero que o “dono de casa de jogo”, pois este ao menos representa o capital da sua banca, suscetível de ir à glória, ao passo que o outro nenhum capital representa, nem arrisca, ficando, além de

tudo, isento da pecha de mal procedido. Quase sempre forasteiro, exercia dantes um ofício na pátria que deixou para vir tentar fortuna no Brasil; mas, percebendo que aqui a especulação velhaca produz muito mais do que o trabalho honesto, tratou logo de esconder as ferramentas do ofício e de fariscar os meios de, sem nada fazer, fazer dinheiro.

II. (...) há sempre uma quitandeira de quem o dono da casa de cômodos, começando por merecer a simpatia, acaba por conquistar a confiança e o amor. Juntam-se e, quando ela dá por si, está cozinhando e lavando para todos os hóspedes do eleito do seu coração, sem outros vencimentos além das carícias, que lhe dá o amado sócio. Assim chega a empresa ao seu completo desenvolvimento, e o dono da casa de pensão começa a ganhar em grosso, acumulando forte, sem trabalhar nunca, nem empregar capital próprio, até que um dia, farto de aturar o Brasil, passa com luvas o estabelecimento e retira-se para a pátria, deixando, naturalmente também com luvas, a preciosa quitandeira ao seu substituto.

Aluísio Azevedo, *Casas de cômodos*.

a) Que recurso da estética naturalista surge já no início das notas, feitas em razão do cotidiano nacional da época? Justifique.

b) Para o leitor de *O Cortiço*, salta à vista o aproveitamento que Aluísio Azevedo fez de parte dessas impressões ao conceber a relação entre João Romão e Bertoleza. Há também, contudo, diferenças relevantes. Qual o fator que, central na sociedade brasileira do século XIX, acentua o tom perverso do final do romance? Justifique com base no enredo.

Resolução

a) Nas duas notas, elementos do cotidiano fluminense são analisados como estóipim para determinadas situações. No excerto I, o dono da casa de cômodos é retratado como um espertalhão que consegue enriquecer devido à especulação e ao déficit habitacional da cidade. Já no excerto II, o autor discorre sobre um tipo recorrente de relacionamento, também circunscrito àquele espaço urbano, que é o envolvimento entre os donos das casas de cômodos e as quitandeiras, que vivem uma relação amorosa e comercial, conveniente aos primeiros. Sendo assim, infere-se que o recurso da estética naturalista presente nos trechos em questão é o Determinismo, dado que o meio, Rio de Janeiro do século XIX, cria condições favoráveis às situações descritas.

b) Em *Casas de cômodos*, Aluísio Azevedo descreve a figura de um “dono de casa de cômodos” que se envolve com uma quitandeira e vale-se de seu trabalho para fazer fortuna. De modo análogo, João Romão aproximou-se da quitandeira Bertoleza como seu confidente e, ao saber do dinheiro guardado por ela para a compra de sua alforria, conquistou-lhe, passando a ser seu companheiro. Uma vez que se estabeleceu uma relação de confiança de Bertoleza para com João Romão, o dinheiro angariado por ela ficou aos cuidados dele, que se aproveitou da situação para aumentar seus próprios ganhos, ao usurpar o dinheiro da mulher. No entanto, a escravidão, condição central do século XIX brasileiro, fez com que a trajetória de João Romão se desassemelhasse da do “dono da casa de cômodos” - que volta para a pátria, deixando a quitandeira para seu sucessor. Vale lembrar, então, que em *O Cortiço* um dos objetivos de João Romão, além do acúmulo de capital, é ascender socialmente, o que lhe seria propiciado a partir do casamento com uma mulher de condição prestigiada, que, no caso, era Zulmirinha, filha do casal Miranda e Estela. Para realizar o casamento, o dono do cortiço precisava livrar-se da antiga companheira, sendo assim, tentou devolvê-la aos herdeiros de seu antigo dono, dado que sua alforria não fora de fato comprada. No entanto, ao ver um dos filhos do dono em sua casa, Bertoleza percebeu o engodo e, para não voltar à condição de escrava daquela família, rasgou o próprio ventre, cometendo suicídio. Cincinicamente, nessa mesma circunstância, João Romão recebia um grupo de abolicionistas, que lhe trazia o diploma de sócio benemérito, o que, em um momento de efervescência pró-abolição, era uma distinção social.

QUESTÃO 08

Considere os seguintes trechos do romance *A Relíquia*.

I. *E agora, para que cada um esteja prevenido e possa fazer as orações que mais lhe calharem, devo dizer o que é a relíquia... (...) Esmagada, com um ruco gemido, a Titi aluiu* sobre o caixote, pensando-o nos braços trêmulos... Mas o Margaride coçava pensativamente o queixo austero, Justino sumira-se na profundidade dos seus colarinhos, e o ladino** Negrão escancarava para mim uma bocaça negra, de onde saía assombro e indignação!*

*desabou; **espertalhão.

II. (...) *a Titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou-o sobre o altar, devotamente desatou o nó do nastro* vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu...*

*fita

III. As relíquias eram valores! Tinham a qualidade onipotente de valores!

Eça de Queirós, *A Relíquia*.

a) As passagens acima são revelações de diferentes objetos, todos eles contemplados no romance como relíquias. Explícite a que objetos cada um dos trechos se refere.

b) No último parágrafo do romance, Teodorico reflete: "... houve um momento em que me faltou esse descarado heroísmo de afirmar, que, batendo na terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao céu – cria, através da universal ilusão, ciências e religiões". Qual dos três excertos melhor se aplica à reflexão de Teodorico? Justifique.

Resolução

a) O excerto I refere-se à suposta coroa de espinhos de Cristo trazida de Jerusalém por Teodorico para a tia, beata que acreditava que uma relíquia sagrada poderia ser a cura para seus achaques. Com tal objeto, o protagonista pretendia conquistar a confiança da tia, de modo a tornar-se seu herdeiro. Já o II diz respeito à camisa de dormir de Mary, prostituta com quem o narrador tivera um caso durante sua peregrinação e que estava no pacote onde deveria estar a coroa. Por fim, o III remete a falsas relíquias (medalhas, bentinhos, águas, lascas, pedrinhas, palhas), objetos comuns vendidos por Teodorico como sagrados para sobreviver, uma vez que fora deserdado pela tia.

b) A reflexão de Teodorico, reproduzida pelo enunciado, ocorre quando ele descobre que o hipócrita padre Negrão havia herdado boa parte da fortuna de Titi, pois soubera simular perfeitamente sua devoção e santidade a ponto de ganhar a confiança da beata. Nessa passagem, o narrador se recorda do instante fatal da revelação da relíquia em que sua tia, ao desembulhar o presente que ele trouxera de Jerusalém, deparou-se com a camisola de Miss Mary ao invés da prometida coroa de espinhos usada no martírio de Cristo. Ao rememorar esse episódio, o protagonista lamenta-se por não ter sido hipócrita o bastante para afirmar que a peça de roupa era, na verdade, a camisola de Santa Maria Madalena. O personagem conclui que, se tivesse dito essa mentira com convicção, a tia, propensa a crer nos mistérios religiosos, acreditaria nessa versão e seria ele quem herdaria sua fortuna. Dessa forma, a reflexão de Teodorico, segundo a qual é o "descarado heroísmo de afirmar" que cria a "universal ilusão das ciências e religiões", relaciona-se diretamente ao excerto II, que descreve o exato instante em que Titi, ao abrir o embrulho, depara-se com a camisola que frustrou os planos de enriquecimento do narrador.

QUESTÃO 09

Considere os textos para responder às questões.

Cap. XI *O menino é pai do homem*

Sim, meu pai adorava-me. Tinha-me esse amor sem mérito, que é um simples e forte impulso da carne; amor que a razão não contrasta nem rege. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, - caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa.

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Quarta-feira, 10 de julho.

Meu pai é muito querido na família. Todos gostam dele e dizem que é muito bom marido e um homem muito bom. Eu gosto muito disso, mas fico admirada de todo mundo só falar que meu pai é bom marido e nunca ninguém dizer que mamãe é boa mulher. No entanto, no fundo do meu coração, eu acho que só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe.

Helena Morley, *Minha vida de menina*.

a) Os trechos acima se assemelham por serem retratos dos pais realizados por seus filhos: no primeiro deles, o menino Brás Cubas; no segundo, a pequena Helena. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base nos tempos verbais e na linguagem empregada em cada um deles.

b) Nos trechos acima, as expressões "O marido era na Terra o seu deus" e "só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe" dão, respectivamente, exemplos de duas formas contrastantes de organização familiar, o patriarcado e o matriarcado. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta com base em ambas as passagens.

Resolução

a) Não é possível concordar inteiramente com a afirmação proposta pelo enunciado, uma vez que, no excerto de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o retrato dos pais é feito pelo narrador depois de morto, na condição de "defunto-autor" e não pelo "menino Brás Cubas". Como o próprio título indica, trata-se de um livro de "memórias", em que o narrador, após a morte, escreve uma narrativa impiedosa a respeito de sua própria vida. Os recursos linguísticos empregados no excerto, tais como os verbos no pretérito imperfeito (*meu pai adorava-me/ Minha mãe era uma senhora fraca*), reforçam o caráter memorialístico da obra, uma vez que esse tempo verbal contribui para a elaboração de descrições de personagens e até mesmo de ações situadas no passado.

No excerto de *Minha vida de menina*, porém, o retrato dos pais é construído, de fato, pela pequena Helena que, ao adotar a forma diário, emprega verbos no presente (*Meu pai é muito querido na família*), o que configura um trabalho descritivo referente a eventos que se realizam simultaneamente à enunciação.

b) A afirmação apresentada pelo enunciado não pode ser considerada correta, uma vez que o comentário de Helena - "só Nossa Senhora pode ser melhor que mamãe" - não pode ser considerado representativo de uma organização social baseada no matriarcado. De fato, a descrição de Brás Cubas a respeito da devoção de sua mãe ao marido - "O marido era na Terra o seu deus" - é um exemplo do patriarcado presente na sociedade brasileira do século XIX, uma vez que evidencia a situação de submissão da mulher em relação ao homem. O excerto relativo a *Minha vida de menina*, por sua vez, deixa claro o inconformismo de Helena em relação à falta de reconhecimento dos méritos de sua mãe. Assim, os comentários da menina evidenciam que, na Diamantina do século XIX, vigorava uma mentalidade patriarcal, pois, enquanto as qualidades de seu pai eram reconhecidas e exaltadas, os talentos e virtudes de sua mãe eram ignorados.

QUESTÃO 10

Leia os textos.

– Eu acho que nós, bois, – Dançador diz, com baba – assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se juntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei...

João Guimarães Rosa, "Conversa de bois". Sagarana.

Um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes

e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

(...)

Carlos Drummond de Andrade, "Um boi vê os homens".
Claro enigma.

a) Em ambos os textos, o assombro de quem vê decorre das avaliações contrastantes sobre quem é visto. Justifique essa afirmação com base em cada um dos textos.

b) O conto de Rosa e o poema de Drummond valem-se de uma mesma figura de linguagem. Explícite essa figura e justifique sua resposta.

Resolução

a) Em ambos os excertos, o enunciador é um animal, mais especificamente um boi que, tanto na narrativa, como no poema, expressa suas impressões a respeito do ser humano. O que o leva a executar esse trabalho é a percepção do contraste existente entre o homem e os animais: enquanto os animais seriam calmos, serenos, constantes e imutáveis "assim como os cachorros, as pedras, as árvores (...) com beiradas, começo e fim", os homens seriam seres variáveis, incompletos, impermanentes e transitórios, pois podem "se juntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito...O homem tem partes mágicas...". O eu-lírico bovino do poema de *Claro Enigma* também chama a atenção para o estado de constante preocupação e nervosismo dos seres humanos, que correm e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa". Esse estado de agitação faz com que lhes falte algum "atributo essencial" e, com isso, não conseguem apreender e fruir o que é elementar e substancial para a existência, como o "canto do ar" ou os "segredos do feno" e, dessa forma, não enxergam o que é comum a todos os seres, no espaço. De acordo com o boi, essa incapacidade de percepção é o que move os homens à crueldade.

Enfim, o boi narrador e o boi poeta fazem suas reflexões a partir da alteridade observada nos homens, ou seja, o que os motiva a produzir suas reflexões é a percepção do homem como um ser contrastante, oposto à natureza do animal.

b) Tanto Rosa como Drummond empregam a personificação (ou prosopopeia) para expressar literariamente a subjetividade do animal. Dessa forma, atributos humanos relacionados à cognição, tais como a capacidade de observar, diferenciar e julgar - além da própria faculdade de expressão verbal - são conferidos aos bois justamente pelo emprego dessa figura de linguagem, o que propicia um interessante efeito: a elaboração de um exercício literário que busca apreender uma imagem verossímil que os animais poderiam formar a respeito dos seres humanos.

REDAÇÃO

Leia os textos para fazer sua redação.

O progresso, longe de consistir em mudança, depende da capacidade de retenção. Quando a mudança é absoluta, não permanece coisa alguma a ser melhorada e nenhuma direção é estabelecida para um possível aperfeiçoamento; e quando a experiência não é retida, a infância é perpétua.

George Santayana, *A vida da razão*, 1905, Vol.I, Cap.XII. Adaptado.

O Historiador

Veio para ressuscitar o tempo
e escarpelar os mortos,
as condecorações, as liturgias, as espadas,
o espectro das fazendas submergidas,
o muro de pedra entre membros da família,
o ardido queixume das solteironas,
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
nem desfeitas.

Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.
É importuno,
sabe-se importuno e insiste,
rancoroso, fiel.

Carlos Drummond de Andrade, *A paixão medida*, 1981.



Flávio Cerqueira, *Amnésia*, 2015.

Essa escultura de um garoto negro foi esculpida no tamanho real de uma criança, com seus cabelos crespos, seu nariz largo, sua boca marcada. A criança segura uma lata por sobre sua cabeça, de onde escorre uma tinta branca sobre seu corpo feito de bronze.

Nexo Jornal, 13/07/2018

A minha vontade, com a raiva que todos estamos sentindo, é deixar aquela ruína [o Museu Nacional depois do incêndio] como memento mori, como memória dos mortos, das coisas mortas, dos povos mortos, dos arquivos mortos, destruídos nesse incêndio. Eu não construiria nada naquele lugar. E, sobretudo, não tentaria esconder, apagar esse evento, fingindo que nada aconteceu e tentando colocar ali um prédio moderno, um museu digital, um museu da Internet - não duvido nada que surjam com essa ideia. Gostaria que aquilo permanecesse em cinzas, em ruínas, apenas com a fachada de pé, para que todos vissem e se lembrassem. Um memorial.

Eduardo Viveiros de Castro, *Público.pt*, 04/09/2018.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.

Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*, 1940.

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **De que maneira o passado contribui para a compreensão do presente?**

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Comentário

A proposta de Redação da FUVEST 2019 trouxe uma pergunta na frase-tema: **De que maneira o passado contribui para a compreensão do presente?** Espera-se que o texto do candidato, portanto, responda à pergunta que se coloca, no sentido de esclarecer argumentativamente como o passado contribui (ou não) para a compreensão do presente.

O primeiro excerto da coletânea é do filósofo espanhol criado nos Estados Unidos George Santayana. É dele a máxima segundo a qual aqueles que não podem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo, presente na obra *A vida da razão*, de onde se extraiu o trecho em voga. No excerto, defende-se que o progresso não é mudança e depende do passado (capacidade de retenção). Ainda segundo o excerto, se a mudança é absoluta, ou seja, total, nada permanece e não se encaminha um possível aperfeiçoamento. E, quando o passado (a experiência) não é retido (ou seja, quando a mudança é absoluta), "a infância é perpétua", ou seja, pode-se interpretar que também não há evolução, progresso, aperfeiçoamento. O segundo excerto é um poema de Drummond, *O historiador*, publicado no livro *A paixão medida*, do início da década de 80, às vésperas de o autor completar 80 anos. Reflexo de sua maturidade, o

poema em voga faz parte da temática de Drummond em relação ao questionamento sobre “estar-no-mundo”. Nos versos, lê-se que o historiador (cientista, profissional que estuda os acontecimentos do passado para interpretar também os fatos presentes) veio para ressuscitar o tempo, contar o que não faz jus a ser glorificado e se deposita no poço vazio da memória. O historiador sabe que é importuno, mas insiste em seu trabalho, de maneira fiel. Ou seja, ao trazer luz aos fatos do passado, o historiador toca em pontos polêmicos, obriga a sociedade a rever sua história, a ressignificar eventos, o que nem sempre é fácil ou confortável.

O terceiro excerto descreve uma escultura de bronze do artista Flávio Teixeira, obra bastante comentada na mostra “Histórias afro-atlânticas”, que estreou no fim de junho no Museu de Arte de São Paulo e no Instituto Tomie Ohtake. Nela, vê-se um menino negro derrubando tinta branca sobre seu corpo. Segundo o artista, a obra representa a última pessoa a sofrer o processo de embranquecimento, pois a lata de tinta que o garoto despeja em seu próprio corpo não tem material suficiente para cobri-lo por inteiro.

O quarto excerto é do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o qual sofreu um incêndio de grandes proporções em 2018 e teve a perda de grande parte de seu acervo histórico e científico, constituído por mais de 200 anos, com mais de 20 milhões de itens catalogados, além do comprometimento da própria edificação do museu, datada do início dos anos 1800. A autor compartilha no texto seu desejo de que o que restou do museu torne-se um memorial, a fim de que todos possam ver e se lembrar do trágico evento. O antropólogo defende que manter a memória do ocorrido é mais apropriado do que tentar esconder o episódio por meio, por exemplo, de uma construção moderna. Seria como “memento mori” – preservar a memória dos mortos.

O quinto excerto da coletânea é do filósofo e sociólogo representante da Escola de Frankfurt Walter Benjamin. Por meio de sua breve assertiva, o autor defende que estudar o passado não significa apropriar-se dele de fato ou literalmente, mas apropriar-se daquilo do passado que se mantém na memória, de algo que, de fato, não existe mais.

O candidato, seguindo o próprio comando da prova, deveria lançar mão das ideias contidas na coletânea e de informações externas, do seu repertório de mundo, de modo articular todo esse conteúdo a um projeto de texto autoral, coeso e coerente.

Equipe desta resolução

Português

Bruna Sanchez Moreno
Mateus Bego Bueno
Regiane Mançano
Thiago do Nascimento Godoy
Vanessa Alberto

Revisão e Publicação

Felipe Eboli Sotorilli
Vanessa Alberto

Digitação e Diagramação

Vinicius Uchôa da Silva